
ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

A manutenção do sofrimento de Io pelos poderes divinos em *Prometeu*

Acorrentado de Ésquilo

*The maintenance of Io's suffering by the divine powers in Prometheus Bound by
Aeschylus*

Edinaura Linhares Ferreira Lima*

 <https://orcid.org/0009-0007-5542-3384>

Mellyssa Coêlho de Moura**

 <https://orcid.org/0000-0003-0373-1450>

Resumo: Objetiva-se, neste artigo, a reflexão sobre os sofrimentos da personagem Io em *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo. Para isso, analisa-se a participação de outra figura feminina, Hera, na manutenção do sofrimento contínuo de Io, sendo essa animalizada, silenciada, fadada à exclusão do *oikos* e condenada à vida errante devido à sua negação às investidas amorosas de Zeus. Constata-se, dessa maneira, o entrecruzamento dos destinos de Io e de Prometeu, bem como a reiteração do poder dos deuses sobre aqueles que, ainda que padecendo de grandes lamúrias, resistem e não se curvam perante a autoridade das entidades dominantes.

Palavras-chave: Io; Sofrimento; Hera; *Prometeu Acorrentado*; Ésquilo.

Abstract: *This article aims to reflect on the sufferings of the character Io in Prometheus Bound, by Aeschylus. To this end, the participation of another female figure, Hera, in maintaining Io's continuous suffering is analyzed, as Io is animalized, silenced, doomed to exclusion from the oikos, and condemned to a wandering life due to her denial of Zeus's amorous advances. In this way, we can see the intertwining of the destinies of Io and Prometheus, as well as a reiteration of the power of the gods over those who, despite*

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará e professora da Secretaria de Educação do Ceará – SEDUC. E-mail: edinaura01@gmail.com.

**Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará com bolsa provida pela agência de fomento FUNCAP. E-mail: mellyssacm@hotmail.com.

suffering endless complaints, resist and do not bow before the authority of the dominant entities.

Keywords: *Io; Hera; Suffering; Prometheus Bound; Aeschylus.*

Prometeu acorrentado e Io atormentada

Prometeu Acorrentado, tragédia atribuída ao poeta grego Ésquilo, datada do século V a.C., apresenta o titã Prometeu aprisionado em um rochedo, incapaz de se mover. Condenado à solidão e ao esquecimento, sua sina é narrar aos que ali passarem seus males, a fim de que eles também não se façam esquecidos. Surge então uma companheira de lamúrias, Io, caracterizando Ésquilo como o primeiro a promover essa reunião, permitindo que “encontre os ‘refugiados’ da mitologia que, sem lei, sem rumo, sem país e sem casa para onde possam voltar, passam pelos confins do mundo onde está Prometeu”¹. Sobre a aparição de Io, embora haja o contraste entre a imobilidade do titã e a impossibilidade de permanência fixa da mortal, ambos possuem como causa de suas punições os castigos severos de deuses que não aceitaram a sua rebeldia.

Para melhor entendermos como Io tem seu destino atrelado ao de Prometeu, precisamos entrecruzar o seu caminho com os caminhos dos deuses soberanos e imortais, a fim de se compreender o que possibilitou o seu encontro com o titã.

Segundo a narrativa preferida dos tragediógrafos², Io vivia em paz com seu pai Ínaco, até que sua beleza despertou o desejo do soberano do Olimpo, Zeus. Quando Zeus viu a mortal, caiu de amores pela virgem e decidiu invadir os sonhos da jovem, que, aflita – “por tais sonhos, todas noites,/ era oprimida, infeliz”³ –, narrou os acontecimentos ao seu pai. Esse, por sua vez, consultou os oráculos de Dodona e de Delfos, que aconselharam o rei a expulsá-la de casa para que se evitasse a ira do deus detentor da égide:

Por fim, luminosa palavra profética veio a Ínaco,
claramente prescrevendo e relatando
que me expulsasse de casa e da pátria,

¹ARAÚJO, Orlando Luiz. Prometeu: benfeitor e naufrago da humanidade. In: ÉSKUÍLO. *Prometeu acorrentado*. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Martin Claret, 2018. Cf. p. 8-9.

² GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 251.

³ÉSKUÍLO. *Prometeu acorrentado*, vv. 655-8. Emprega-se neste artigo a tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva.

livre para errar até os confins da terra,
se não quisesse que de Zeus viesse
um raio feito fogo que destruiria toda a sua raça⁴.

Por esse motivo, Io fica sem lar, mote principal para o início de seus infortúnios. Eventualmente, sendo posse de Zeus, é transformada em vitela de forma a evitar os ciúmes e desconfianças de Hera, sua esposa. Sobre esse acontecimento, Graves sumariza que:

Io, filha do deus fluvial Ínaco, era uma sacerdotisa da Hera argiva. Zeus – enfeitiçado por linx, filha de Pã e Eco – apaixonou-se por Io, e, quando Hera o acusou de infidelidade e, como castigo, transformou Linx num torcicolo – ave que simbolizava os amores infelizes – ele mentiu: “jamais toquei Io”. Ele então a transformou numa vaca branca, que Hera reclamou como sua e entregou a Argo Panoptes para guardá-la [...]⁵.

Sobre essa transformação da mulher em um animal, a ser discutida posteriormente, Soares reflete:

A zoomorfização ou animalização, processo em que equiparamos ou somos equiparados a animais não humanos por características pelas quais os próprios animais humanos os designam, tal paradigma da zoomorfização é corroborada de forma social e na Literatura, apontando essa característica, muitas vezes, como seletiva de classes e/ou excludente⁶.

Logo, ao ser metamorfoseada, Io perde parte de sua essência humana. Ao se desumanizar, ela pode ser mais facilmente controlada, o que acontece quando é posta à margem da sociedade, separada de sua família e de seus semelhantes, impossibilitada de viver em sociedade. Reflete-se, assim, que seus infortúnios resultam na sua exclusão social, bem como da perda de seus direitos como cidadã e mulher.

Sobre os poderes divinos que atuam na manutenção do sofrimento constante de Io, ao nos determos no comportamento da deusa Hera, mesmo que ela represente o eterno no

⁴*Ibidem*, vv. 663-6.

⁵GRAVES, Robert. *Os mitos gregos*. Tradução de Fernando Klabin. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, v. 1, p. 295.

⁶SOARES, Uesla Lima. O animal humano: Os paradigmas da zoomorfização social e sua representação literária. In: FESTIVAL LITERÁRIO DE PAULO AFONSO, 2017, Paulo Afonso. *Anais [...]*. Paulo Afonso: UNIRIOS, 2017. p. 48-63. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/internas/conteudo/resumo.php?id=30>. Acesso em: 20 out. 2022. Cf. p. 49.

feminino, ela não se apieda da jovem filha de Ínaco. Uma das principais características de Hera retratada nos mitos gregos e latinos é sua indignação diante da infidelidade de Zeus, bem como sua perseguição às amantes do deus. Assim, ela suspeita que a vitela apresentada por Zeus não era um simples animal, mas uma possível amante de seu marido, e decide mantê-la para si, aprisionando-a para, no fim, puni-la por ter sido objeto de desejo do deus. Ao nos adentrarmos no mundo da deusa e para melhor reflexão acerca da sua participação na punição e nos sofrimentos de Io, faz-se necessária uma maior discussão sobre a caracterização da deusa Hera, posposta no tópico a seguir.

A manutenção do sofrimento de Io pela deusa Hera

A deusa Hera surgiu no panteão Grego como irmã e esposa de Zeus, filha de Cronos e Reia. Seu nome tinha interpretações contraditórias, como afirma Brandão:

[...] *Hra* (Héra), nome de etimologia controvertida. Talvez seja da mesma família etimológica que (Héros), herói, como designativo dos mortos divinizados e protetores e, nesse caso, Hera significaria a Protetora, a Guardiã. A base seria o indo-europeu *serua*, da raiz *ser-*, “guardar”, donde o latim *seruäre*, “conservar, velar sobre”⁷.

Terceira esposa de Zeus, era uma divindade poderosa, já que podia se transformar em qualquer coisa que desejasse, atributo importante e valioso para Zeus e que foi utilizado largamente na luta contra os titãs. Posto isto, o poder advindo de Hera era algo digno de apreciação e respeito, principalmente porque o culto da deusa é anterior aos gregos, advindo de uma cultura matriarcal e da fecundidade: Hera “tornou-se a ‘mãe dos deuses’, mas teve um culto especial, como Grande Mãe, na Lacônia, Arcádia e Beócia”⁸. Assim, além de ser adorada como um nune que representava a “Grande Mãe”, era divinizada como representante preponderante da autoridade feminina. Ademais, uma outra representação de Hera discutida por Brandão é a sua referência como *pótnia therôn*, isto é, a “senhora das feras, uma deusa da fertilidade; na civilização micênica converter-se-á na protetora de uma instituição aquéia fundamental, o casamento”⁹.

⁷BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega I*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 279-280, grifo no original.

⁸*Ibidem*, p. 59.

⁹*Ibidem*, p. 73.

É de esperar, então, a indignação da deusa principalmente depois de aceitar as investidas amorosas de seu irmão e ter tido uma lua de mel de trezentos anos, enquanto, após esse período, seu marido cede aos seus desejos amorosos e passe a ter várias amantes. Para além dessa questão, as diversas traições de Zeus vão contra os valores representativos vinculados ao matrimônio, como o respeito à instituição familiar e a prole legítima. Mesmo assim, Zeus e Hera passaram a representar uma união tida como “sagrada”, pois Hera não fora a única amada por seu marido, mas seria a última esposa, além da representante de sua descendência legítima. Sobre esse matrimônio sagrado, nas palavras de Vernant:

Acoplado a Hera, ele [Zeus] patrocina, sob a forma do casamento regular, produtor de uma descendência legítima, a instituição que, “civilizando” a união entre o homem e a mulher, serve de fundamento a toda a organização social e cujo modelo exemplar é fornecido pelo casal formado pelo rei e pela rainha¹⁰.

Todavia, Zeus, na maior parte do tempo, não reflete os valores que deveria enaltecer, principalmente quando é tomado de súbito por Eros, que faz aflorarem seus desejos amorosos, seja por mortais ou imortais.

É nesse contexto que Hera se apresenta no imaginário da Grécia Antiga. Apesar de representar o casamento, ela era retratada como temperamental, e, por isso, nem sempre submissa e muito menos obediente ao marido, de tal maneira que até rivalizava com Zeus, fato que aconteceu quando Posídon

[...] [participou] com Hera e Atena de uma conspiração para destronar o pai dos deuses e dos homens. A intentona teria surtido efeito, não fora a pronta intervenção do hecatonquiro Briaréu, chamado às pressas por Tétis. Bastou a presença do monstro, para que os conjurados desistissem de seu intento. Como castigo, Posídon foi obrigado a servir durante um ano ao rei de Tróia, Laomedonte¹¹.

Hera tinha vários atritos com o marido, pois não aceitava suas traições. Além disso, ela não continha o ódio quando se sentia ameaçada pelas amantes e pelos bastardos gerados pelos intercursos entre Zeus e os mortais e imortais. Por isso, ela era tida como

[...] a esposa rabugenta de Zeus. A deusa que nunca sorriu! Penetrando nos desígnios do marido, vive a fazer-lhe exigências e irrita-se profundamente quando não atendida

¹⁰VERNANT, Jean Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. Tradução de Joana Angélica D’avila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 32-33.

¹¹BRANDÃO, 1986, p. 322.

com presteza. Para ela os fins sempre justificam os meios. Para atingi-los usa de todos os estratégias a seu alcance: alia-se a outros deuses, bajula, ameaça, mente. Chegou mesmo a arquitetar uma comédia de amor, para poder fugir à severa proibição do esposo e ajudar os Aqueus¹².

Pode-se afirmar, também, que Hera não representava apenas a estabilidade do matrimônio, mas também o poder e manutenção desse *status quo* através do relacionamento matrimonial com Zeus. Logo, tem-se nas narrativas um destaque para sua caracterização como uma deusa competitiva, ativa e ressentida, e, ainda, que usufrui do poder gerado pelo casamento e os privilégios advindos dele.

Destaca-se também um outro atributo da deusa, a criação de monstros como forma de punição para seus inimigos, como, por exemplo, a Hidra de Lerna, criatura gerada por Hera, para “provar” o grande Hércules¹³, filho de Zeus, e a Esfinge,

Monstro feminino, com o rosto e, por vezes, seios de mulher, peito, patas e cauda de leão e dotado de asas. A Esfinge grega figura sobretudo no mito de Édipo e no ciclo tebano. *Este monstro fora enviado por Hera*, a protetora dos amores legítimos, contra Tebas, para punir a cidade do crime de Laio, que raptara Crisipo, filho de Pélops, introduzindo na Hélade a pederastia¹⁴.

Definida a extensão do poder de Hera e a possível justificativa de seus atos contra os amores de Zeus, pondera-se sobre a representação do poder da deusa sobre a própria Io, uma vez que o seu mito representa o sofrimento que um nune pode trazer ao sentir sua estrutura de poder ameaçada:

[...] mitologema de Io, a jovem sacerdotisa de Argos, consagrada a Hera, e que Zeus amou, fazendo-a mãe de Épafo. É a esta mesma Io, que, apesar de metamorfoseada em vaca, a colérica deusa Hera perseguiu implacavelmente, lançando contra a mesma um tavão, que só a deixou em paz quando Io atravessou o Bósforo (travessia da vaca) e ganhou o Egito. Lá, tocada por Zeus, deu à luz a Épafo. Este desposou Mênfis, filha do rio Nilo. Dessa união nasceu Líbia, mãe da raça de Agenor e Belo¹⁵.

Por isso, é cabível salientar que não foi somente Zeus o causador das tormentas de Io, como a própria afirma: “por causa de Zeus sofro terrivelmente”¹⁶. Além dele, o eterno divino

¹²*Ibidem*, p. 135.

¹³*Ibidem*, p. 243.

¹⁴*Ibidem*, p. 245, sem grifos no original.

¹⁵*Ibidem*, p. 259, grifo no original.

¹⁶ ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*, vv. 758.

e feminino, caracterizado na figura de Hera, cômjuge de Zeus, castigou Io com vigor e sem clemência. Atuando como uma extensão de Zeus, a deusa corrobora para o sofrimento da personagem. Outro fator que ressalta a ira que Hera relega contra a mortal é que a deusa não pode infligir um sofrimento direto a Zeus, então ela age de outra maneira, usando outro subterfúgio: o sofrimento do objeto de desejo de seu marido.

Ainda, é válido salientar que Io foi transfigurada no mesmo animal que simboliza um dos epítetos da deusa Hera:

[...] em relação a *boôpis* (adjetivo aplicado à deusa Hera), não há qualquer dúvida quanto à ligação etimológica a “vaca” [...] [Quanto à] Deusa do casamento e da maternidade, “de alvos braços” talvez porque se valorizasse a pele clara; “olhos de plácida toura” talvez por ter sido associada à vaca no ritual pré-histórico¹⁷.

Retomando a sua participação nos tormentos de Io, movida pelo ressentimento, então, Hera incumbe Argo de vigiar a virgem, até então metamorfoseada em vaca, uma vez que ele tinha inúmeros olhos e nunca a deixaria sozinha. Algum tempo depois, Zeus descobre o paradeiro de Io e designa ao deus Hermes a tarefa de matar Argo. Não satisfeita com a morte de seu monstro, Hera faz um espectro de Argo tornar-se um moscardo para torturar Io contínua e ininterruptamente, dia e noite. Assim, ela vagueia na ânsia de ter paz, tentando em vão se livrar do ferrão que a fere constantemente. Fadada a esse percurso infundável, ela ressurgue na peça de Ésquilo e encontra-se com Prometeu, que está, em oposição à Io, imobilizado, acorrentado a grilhões inquebráveis. Frente ao ladrão do fogo dos deuses, ela narra sua condição:

Imediatamente forma e espírito meus foram alterados,
com este chifres, como vedes; fui picada
por agudo esporão, com enlouquecidos pulos,
saltei no curso da potável água de Cércea
e na fonte de Lerna; um simples boiadeiro
nascido da terra, o colérico Argo, seguia-me
com firmes olhos, olhando cada pegada minha.
Inesperadamente a morte privou-lhe
de sua vida. Mas eu vago errante,
pelo chicote divino, de terra em terra¹⁸.

¹⁷LOURENÇO, Frederico. “Prefácio”. In: HOMERO. *Iliada*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013, p. 68, 76.

¹⁸ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*, vv. 673-82.

Nesse momento, há o interessante entrecruzamento entre dois mitos longínquos que convergem quanto à temática que delinea o sofrimento advindo de figuras de poder. Poder esse que, nas palavras de Foucault:

[...] não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis; que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhe são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdades e desequilíbrio que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações¹⁹.

Portanto, por meio do sofrimento de Io, fica claro como o poder pode ser uma marca de estruturas sociais hierárquicas, ainda mais quando representadas por Hera e Zeus, os dois maiores soberanos do Olimpo. Esse poder atua como forma de lembrança ao mortal de que, uma vez nascido, ele está sujeito ao sofrimento, ainda mais quando desperta o rancor do nume, como é o caso Io.

Dos sofrimentos de Io: a animalização e a perda do *oikos*

Assim surge Io em *Prometeu Acorrentado*: uma nômade, sem família, sem lar, sem a tutela de uma figura masculina. De acordo com Jaeger, “na antiga Atenas a mulher vivia quase sempre num estado de incultura física e espiritual, inteiramente dedicada às lides da casa”²⁰. Por isso, nada sobrou para Io, pois o legado dado ao feminino na cultura da Grécia antiga era o de gerar e conceber cidadãos legítimos atenienses, além de cuidar das crianças pequenas e supervisionar as provisões da casa:

O *oikos*, ao contrário, era um espaço fechado e funcional muito mais que ostentatório ou de aparências como o espaço público muitas vezes se tornava. O relacionamento estabelecido no interior do *oikos* era pessoal, íntimo, hierárquico e desigual: marido/esposa; pai/filho; proprietário/escravo. Também a divisão do trabalho era marcada no interior do *oikos* já que cada qual tinha a sua incumbência de sorte a fazer

¹⁹FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 89.

²⁰JAEGER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 825.

funcionar esta célula de produção: as mulheres fiavam, os homens cuidavam do gado e das terras, e assim por diante²¹.

Um outro agravante que fazia Io distanciar-se do seu *oikos* familiar, além da expulsão de casa pelo seu pai, é que o castigo da virgem, que a fazia ser ferroadada continuamente por um moscardo, a obrigava a vagar de forma sofrida e solitária. Ela agia, assim, como uma intrusa, até mesmo adentrando em espaços públicos, pois ela apenas vagueava e não conseguia discernir em qual lugar estava, em qual cidade, em quais terras. Logo, o castigo dela era ser uma andarilha errante, sem sossego, o oposto do titã cujo castigo era se manter eternamente fixo na rocha.

Para entendermos a caminhada constante de Io em *Prometeu Acorrentado*, é válido debatermos os espaços ocupados pelo masculino e pelo feminino, espaços distintos e delimitados, sendo o feminino grego antigo estabelecido no *oikos*, enquanto o espaço do masculino era a *pólis*, o público. Em outras palavras:

A organização dos espaços na Grécia Antiga se deu de forma gradual: a pólis grega formou-se já depois de algum tempo da existência do *oikos*, que pode ser grosseiramente definido como a casa, o espaço interior e privado em que a unidade familiar se concentrava. Já a pólis pode ser definida como os espaços exteriores à casa, como as assembleias, os mercados, os teatros, os tribunais, os ginásios, as ágoras e também os campos de batalha²².

Certamente, o espaço privado do *oikos* era utilizado pelo feminino tendo em vista a manutenção, administração e organização do lar, responsabilidade dada às mulheres que se ocupavam majoritariamente de tarefas do núcleo familiar. Além dos assuntos referentes ao espaço do lar, as esposas geravam cidadãos gregos legítimos. Para tanto, segundo Nicole Loraux a glória feminina estava atrelada à gestação de cidadãos, principalmente homens:

²¹FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. “*Polis*, e *Oikos*, o público e o privado na Grécia antiga”. In: *Coletâneas do Nosso Tempo*, v. 5, n. 4-5, 2001, p. 113-118. Acesso em: 22 set. 2023. Cf. p. 115, grifos no original.

²²CAMPOS, Karina Rocha. *Pólis vs. Oikos: a investigação do papel feminino no drama grego*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/139095/000865162.pdf?sequence=1> . Acesso em: 27 out. 2022. Cf. p. 24.

“*kléos gynaiikon*”, a glória das mulheres, “estava subordinada à realização de uma carreira de boa esposa”²³. Ademais, as esposas cuidavam da saúde dos maridos e das crianças.

Infelizmente, para Io, ela era incapaz de ocupar o espaço destinado ao feminino, ou sequer ao humano, devido à tirania de Zeus, que não tolerava ser contrariado e recusado sexualmente, ainda mais por uma mortal. Por esse motivo, a personagem mítica de Io perde, junto com sua humanidade, sua impossibilidade de se inserir no *oikos*, uma vez que seu destino a proibia de se estabelecer em algum lugar fixo: “vago errante, pelo chicote divino, de terra em terra”²⁴.

Ainda, para reforçar a situação de sofrimento vivenciada pela personagem, o Coro de Oceânides presentes na peça estremecem só de ouvir os tormentos vivenciados pela jovem:

Ah! Ah! Afasta-te! Ai!
 Nunca, nunca eu diria que tão estranhas
 palavras chegariam aos meus ouvidos,
 nem que congelariam a minha alma
 com um agulhão de dois gumes,
 dores, flagelos, medos difíceis e insuportáveis de ver
 Ó ó destino, destino!
 Estremeço ao ver a situação de Io²⁵.

Menciona-se, além disso, a simbologia ao redor do animal no qual ela se transfigura – a vaca –, uma vez que é um animal usado na sociedade humana, mais especificamente no pasto, como fonte de alimento, isto é, ela pode ser abatida e consumida a qualquer momento. Ademais, ela procria continuamente e provê leite ao filhote. Ainda é circunstancial lembrar que todas as partes da vaca são consumidas pelo homem, e até a sua pele tem uso. Por isso, ao transformar Io em vaca, a virgem é reduzida a uma situação inferior e bestial, na qual seu lar passa a ser o relento, o seu corpo deixa de ser uma propriedade de seu pai, do *oikos*, e passa a ser delegado à esfera pública.

A depreciação da personagem de Io traz várias discussões pertinentes, ainda que ela atue como forma alegórica, uma vez que se reflete sobre como um deus, um ser superior e de privilégio, precisa usar desse tipo de subterfúgio para encobrir sua traição diante de Hera, sua

²³LORAU, Nicole. *Maneiras trágicas de matar uma mulher*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 57.

²⁴ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*, vv. 681-2.

²⁵*Ibidem*, vv. 686-94.

esposa legítima. Assim, no momento em que o deus a transmuta em um animal, ele toma posse da jovem, mantendo-a, posteriormente, cativa nas mãos de Hera. Sendo assim, Io tornou-se uma apátrida, uma mulher cuja dor era causada pela própria figura do casal de deuses Olímpianos, Hera e Zeus, que a ela relegaram “um tempestuoso mar de miserável cegueira”²⁶.

Destacam-se, ainda, a superioridade dos imortais sobre os homens e o fardo carregado por uma mortal quando o olhar divino recai sobre o efêmero. Logo, a analogia depreciativa animalesca atribuída a Io remete à estrutura de poder estabelecida entre os gêneros masculino e feminino na Grécia antiga. Com a figura de Io metamorfoseada em vaca, a sanção sofrida por ela é a relegação à situação de nenhum prestígio social, pois a partir do momento em que Io foi desumanizada, ela não precisaria estar sujeita às normas comportamentais sociais gregas, ela agiria por puro instinto, como todo ser animalesco. Ademais, ela também não geraria herdeiros gregos legítimos e quiçá humanos, condenada a uma situação de inferioridade e submissão.

A personagem de Io, desde sua primeira aparição na peça, carrega em seu bojo profundas reflexões acerca da representação dos sofrimentos que acometem o feminino, dentre eles o silenciamento. Tal silenciamento acontece na narrativa de forma literal, pois Io, quando transformada em animal, perde a sua capacidade da fala, isto é, o *logos*, atributo tão valorizado pelos gregos antigos, mas que comumente era atrelado apenas aos personagens masculinos. De fato, Prometeu é privado de locomover-se, mas não do discurso. Já para Io acontece justamente o contrário, pois ela pode mover-se o tempo inteiro, mas nem sempre consegue externar sua voz: “Colocar uma tranca na boca das mulheres tem sido um projeto importante da cultura patriarcal desde a antiguidade até os dias atuais. Sua principal tática é uma associação ideológica do som feminino com monstruosidade e morte”²⁷.

A chegada de Io põe em xeque não apenas o seu sofrimento, mas o do titã, que, juntamente com sua visitante, padece de incontáveis tormentos devido à sua insubmissão ao deus detentor da égide. Como reflete, assertivamente, Costa, essa união inquieta e incomoda o leitor, que se depara com as desgraças sofridas por ambos os personagens:

²⁶*Ibidem*, vv. 746.

²⁷CARSON, Anne. *Glass, irony and God*. New Directions Publishing, 1992, p. 121, tradução nossa. No original: “Putting a door on female mouth has been an important project of patriarchal culture from antiquity to the present day. Its chief tactic is an ideological association of female sound with monstruosity and death”.

A entrada em cena de Io é intensa e dolorosamente visual. Vem com chifres, assemelhada a uma rês, resultado de um castigo injusto infligido por Zeus, além de ver-se atormentada pela picada de um moscardo (*oistros*) – se imaginário ou real, não é fácil discernir. [...] Desdobra-se uma impressionante cena de encontro dos desafortunados (A. Pr. 594-5), de dois seres em temível estado de sofrimento, vítimas da tirania. Também inquieta o contraste entre as posições de ambos – Prometeu em correntes, Io a correr (p. ex., 622), sem que disso se possa divisar qualquer saída, ao invés, apenas reforçam a fragilidade do estado de cada uma das personagens: a imobilidade do titã ganha relevo com os movimentos de Io, ao mesmo tempo em que sublinha o desvario dos gestos frenéticos da sua visitante. Todos esses recursos permitem que a cena contrastante das duas vítimas de Zeus movimente as emoções dos espectadores a nível crescente de intensidade²⁸.

É apenas diante de Prometeu que Io consegue externar seus sofrimentos. Narrando seus desesperos, a personagem, quase que numa angústia existencial, reflete sobre o propósito de sua vida, uma vez que o futuro iminente que a aguarda carrega uma aflição ininterrupta:

Qual a vantagem da minha vida então, mas por que
Não me atirei logo desta rocha escarpada,
para cair no chão e de todas as penas
livrar-me? É melhor morrer de uma vez
que sofrer terrivelmente todos os meus dias²⁹.

Como resposta, Prometeu, aquele que vê primeiro, afirma que muitos males ainda virão e decide narrar “quais sofrimentos enviados por Hera é preciso que esta jovem suporte”³⁰. Ao saber dos males que ainda sofrerá, resta a confirmação de que, por suas mãos, ela obterá a resposta positiva para sua pergunta: “Será que um dia Zeus cairá do poder?”³¹. Consolada, Io confirma o fim de suas lamúrias e desaparece em delírio:

Eleleu, eleleu!
Outra vez, uma convulsão e alucinantes
delírios inflamados por mim, e a ponta do agulhão
não forjado no fogo me pica.
O coração de medo bate no peito,
os olhos giram e giram em espirais,

²⁸COSTA, Gilmaro Guerreiro. “A partilha da dor e do silêncio: estratégias meta-teatrais no *Prometeu Agrilhado* de Ésquilo”. In: *Humanitas*, v. 66, 2014, p. 87-107. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/humanitas/article/view/66_5. Acesso em: 22 set. 2023. Cf. p. 97.

²⁹ÉSKUO. *Prometeu acorrentado*, vv. 747-751.

³⁰*Ibidem*, vv. 703,704.

³¹*Ibidem*, vv. 757.

levada para fora do curso pelo vento louco
da fúria, sem o domínio da língua;
alucinadas palavras chocam-se ao caso
contras as ondas da odiosa cegueira do espírito³².

Restam, no fim, os sábios conselhos do Coro de Oceânides, que declaram que feliz é aquele que não se torna objeto de desejo dos deuses:

Sábio, sábio foi
quem primeiro avaliou isto no pensamento
e com a língua expressou em palavras,
que é muito melhor desposar um igual
[...]
Nunca, nunca,
ó Moiras de vida longa, vejais me tornar
uma mulher dos leitos de Zeus;
nem me uma a um marido desses vindos do céu!
Assusto-me ao ver a virgem Io,
que não o aceita como esposo, consumida
nas infelizes errâncias por castigos vindos de Hera.
Não tenho medo quando o casamento é
com um igual; o que me atemoriza
é o amor dos deuses mais poderosos
fitar-me com seu olhar infalível.
Esta guerra não se guerreia, é uma saída sem saída;
nem sei quem me tornaria;
não vejo como escaparia
da astúcia de Zeus³³.

Considerações Finais

A ação de *Prometeu Acorrentado* baseia-se na violência e no sofrimento – elementos esses que se fazem presentes no início da peça, no destrinchar dos acontecimentos e em forma de ameaça do futuro. Em relação à personagem Io, a participação de outra figura feminina, a da deusa Hera, juntamente com Zeus, reafirma o sofrimento contínuo da virgem, que é animalizada, silenciada, fadada à exclusão do *oikos* e condenada à vida errante devido à sua negação às investidas amorosas de Zeus.

Percebe-se, assim, uma situação de domínio e controle sobre o ser feminino por parte de Zeus, que, através de Hera, condena Io a uma vida de sofrimentos. Ainda assim, mesmo

³²*Ibidem*, vv. 877-86.

³³ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*, vv. 887-906.

sem voz e padecendo de grande suplício, Io resiste e não se curva perante o domínio das entidades dominantes. No fim, de Io são audíveis somente os sons animais de sua resistência, que refletem o convite de Ésquilo a se pensar a representação não só do sofrimento do feminino, mas do silenciamento do humano perante a voz latente do opressor:

Io, vagando errante, indo de um lugar para o outro, sem objetivo, sem pretensão, mas apenas realizando o desejo de Zeus e o ódio de Hera, é o duplo de Prometeu. Ficar ou partir não faz diferença quando o princípio é o da exclusão e do banimento do indivíduo do convívio coletivo. [...] [Ésquilo] permite-nos refletir não apenas a tradição do texto dramático, mas também acerca da barbárie e do poder abusivo dos nossos dias³⁴.

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, Orlando Luiz de. “Prometeu: benfeitor e náufrago da humanidade”. In: ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Martin Claret, 2018.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega I*. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMPOS, Karina Rocha. *Pólis vs. Oikos: a investigação do papel feminino no drama grego*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/139095/000865162.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 out. 2022.

CARSON, Anne. *Glass, irony and God*. New Directions Publishing, 1992.

COSTA, Gilmário Guerreiro. “A partilha da dor e do silêncio: estratégias meta-teatrais no *Prometeu Agrilhado* de Ésquilo”. In: *Humanitas*, v. 66, 2014, p. 87-107. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/humanitas/article/view/_66_5. Acesso em: 22 set. 2023.

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Martin Claret, 2018.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. “*Polis*, e *Oikos*, o público e o privado na Grécia antiga”. *Coletâneas do Nosso Tempo*, v. 5, n. 4-5, 2001, p. 113-118. Acesso em: 22 set. 2023.

³⁴ARAÚJO, 2018, p. 9, 12.

GRAVES, Robert. *Os mitos gregos*. Tradução de Fernando Klabin. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. v. 1.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HOMERO. *Iliada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LORAUX, Nicole. *Maneiras trágicas de matar uma mulher*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LOURENÇO, Frederico. “Prefácio”. In: HOMERO, *Iliada*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

SOARES, Uesla Lima. O animal humano: Os paradigmas da zoomorfização social e sua representação literária. In: FESTIVAL LITERÁRIO DE PAULO AFONSO, 2017, Paulo Afonso. *Anais* [...]. Paulo Afonso: UNIRIOS, 2017. p. 48-63. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/internas/conteudo/resumo.php?id=30>. Acesso em: 20 out. 2022.

VERNANT, Jean Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. Tradução de Joana Angélica D’avila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Recebido em: setembro de 2023

Aprovado em: outubro de 2023